

UM SUSSURRO NAS TREVAS

I

Tenha sempre em mente que no fim eu não me deparei com nenhuma manifestação visual de horror. Afirmar que um choque mental foi a causa daquilo que inferi – a gota d’água que me fez fugir às pressas da solitária casa da fazenda de Akeley e me lançar pelos morros selvagens e abobadados de Vermont em um carro pego sem permissão no meio da noite – significa ignorar os fatos mais concretos de minha experiência definitiva. Por mais que fosse profunda e extensa a maneira como eu compartilhava das informações e especulações de Henry Akeley, e das coisas que vi e ouvi, além da vividez inegável da impressão que produziram em mim, não posso provar nem mesmo hoje se estava certo ou errado em minha terrível inferência. Pois, afinal de contas, o desaparecimento de Akeley não comprova nada. As pessoas não deram falta do que quer que fosse em casa, apesar das marcas de balas na fachada e no interior da residência. Não havia sinal nem de que um visitante estivera lá, ou dos terríveis cilindros e maquinários armazenados no escritório. O fato de que ele temia mortalmente os abundantes morros verdejantes e os córregos intermináveis entre os quais nasceu e foi criado também não significa nada, pois milhares de pessoas estão sujeitas a tais medos mórbidos. Além disso, a excentricidade pode facilmente explicar seus estranhos atos e suas apreensões mais perto do fim.

Tudo começou, pelo que sei, com as históricas e sem precedentes inundações em Vermont no dia 3 de novembro de 1927. Na época, assim como hoje, eu era professor de literatura na Universidade do Miskatonic em Arkham, Massachusetts, e um entusiasmado estudioso amador do folclore da Nova Inglaterra. Logo depois das enchentes, entre relatos variados de dificuldades, sofrimentos e socorro organizado que abundavam na imprensa, apareceram certas histórias estranhas de coisas encontradas boiando em alguns dos rios transbordantes; tantas que muitos de meus amigos embarcaram em curiosas discussões e recorreram a mim para obter informações sobre o assunto. Fiquei lisonjeado por ver que meu estudo do folclore era levado tão a sério e fiz o que pude para relativizar as histórias exóticas e vagas que pareciam claramente ser fruto de superstições antigas e toscas. Foi divertido descobrir que várias pessoas instruídas insistiam em afirmar que havia alguma dose de fatos obscuros e distorcidos por trás dos rumores.

As histórias que me eram trazidas vinham em sua maior parte de recortes de jornais, mas uma delas tinha como fonte um relato oral e foi reproduzida para um amigo meu em uma carta que sua mãe lhe enviou de Hardwick, em Vermont. O tipo de coisa descrita era em essência a mesma em todos os casos, porém nesse parecia haver três instâncias distintas envolvidas – uma ligada ao rio Winooski, perto de Montpelier, outra associada ao rio West, no condado de Windham, para os lados de Newfane, e uma terceira centrada no Passumpsic, no condado de Caledonia, na altura de Lyndonville. Obviamente muitos dos objetos perdidos remetiam a outras instâncias, mas depois de analisados todos pareciam indicar para essas três. Em todos os casos o pessoal local relatou

ter visto um ou mais objetos bizarros e perturbadores nas enxurradas que desciam dos morros não povoados, e havia uma tendência generalizada a associar tais visões a um ciclo primitivo e quase esquecido de lendas que os mais velhos ressuscitaram em virtude da ocasião.

O que as pessoas julgavam ter enxergado eram formas orgânicas diferentes de tudo o que já haviam visto. Naturalmente, muitos corpos humanos foram arrastados pelas correntezas nesse período trágico, mas os que descreveram essas estranhas formas tinham certeza de que não eram humanas, apesar de algumas semelhanças superficiais em termos de tamanho e silhueta. Da mesma forma, as testemunhas afirmavam que não poderia se tratar de nenhuma espécie animal conhecida em Vermont. Eram criaturas rosadas de mais ou menos um metro e meio de comprimento, com corpo de crustáceo ostentando grandes pares de barbatanas dorsais ou asas membranosas e diversos pares de membros articulados e com uma espécie de elipsoide convoluta, coberta de inúmeras antenas curtíssimas, onde deveria estar a cabeça. Era de fato impressionante a coincidência entre relatos de diferentes fontes; o assombro, porém, era atenuado pelo fato de que as antigas lendas, espalhadas uma a uma pela zona rural dos morros, forneciam imagens morbidamente vívidas que poderiam muito bem ter inflamado a imaginação de todas as testemunhas em questão. Minha conclusão foi que as testemunhas – em todos os casos pessoas simples e ingênuas do campo – tinham visto corpos deformados e inchados de seres humanos ou animais de fazenda arrastados pelas correntezas e permitiram que a lembrança vaga do folclore conferisse a esses deploráveis cadáveres atributos fantásticos.

O folclore ancestral, embora nebuloso, evasivo e em grande parte esquecido pela atual geração, tinha um caráter singularíssimo e obviamente refletia a influência de histórias indígenas ainda mais antigas. Eu conhecia bem o assunto, apesar de nunca ter visitado Vermont, por meio da raríssima monografia de Eli Davenport, que engloba material obtido oralmente antes de 1839 entre os habitantes mais velhos do estado. Além disso, trata-se de um material que tem muito em comum com as histórias que ouvi pessoalmente de camponeses idosos nas montanhas de New Hampshire. Em termos gerais, remetia a uma raça oculta de seres monstruosos que se escondiam em algum lugar nas elevações remotas – na mata fechada dos picos mais altos e nos vales escuros onde os riachos brotam de fontes desconhecidas. Esses seres quase nunca eram vistos, mas evidências de sua presença eram relatadas por aqueles que se aventuravam além dos caminhos habituais nas encostas de certas montanhas ou em ravinas profundas e inclinadas que até os lobos temiam.

Havia estranhas pegadas e marcas de garras na lama nas margens dos córregos e na terra seca, além de curiosos círculos de pedras, com a grama desgastada ao redor, que não pareciam exatamente formados pela natureza. Além disso, certas cavernas de enorme profundidade se abriam nas laterais dos morros, com as entradas fechadas por rochas enormes que não pareciam ter ido parar lá por acidente, e com uma trilha anormal das estranhas pegadas entrando e saindo delas – se de fato a direção de tais pegadas pudesse ser estimada com precisão. E, o pior de tudo, havia coisas que as pessoas mais aventureiras viram raríssimas vezes no crepúsculo nos vales mais remotos e nos bosques densos e íngremes acima dos limites das escaladas rotineiras.

Seria menos incômodo se os diferentes relatos de tais coisas não fossem tão coerentes entre si. Quase todos os rumores tinham diversos pontos em comum, como a afirmação de que as criaturas eram como gigantescos caranguejos vermelho-claros com muitos pares de pernas e duas grandes asas parecidas com as de morcegos no meio das costas. Às vezes caminhavam sobre todas as pernas, e às vezes apenas sobre as traseiras, usando as demais para carregar grandes objetos de caráter indeterminado. Em uma ocasião foram vistos em número considerável, em um destacamento que caminhava por um riacho raso no bosque em fileiras obviamente bem organizadas de três membros cada. Certa vez um espécime foi visto voando – lançando-se do alto de um morro desmatado e solitário à noite e desaparecendo no céu depois de bater suas grandes asas por um instante na frente da lua.

Mas de acordo com as lendas mais antigas as criaturas aparentemente só atacavam pessoas que invadiam seu espaço; houve relatos posteriores sobre sua curiosidade a respeito dos homens e de tentativas de estabelecer postos avançados secretos no mundo humano. Surgiram histórias sobre marcas estranhas de garras vistas ao redor das janelas das casas de manhã, e desaparecimentos ocasionais em regiões um pouco mais distantes das áreas obviamente assombradas. Além disso, apareceram histórias sobre vozes zumbidas imitando a fala humana fazendo propostas surpreendentes para viajantes solitários nas estradas e trilhas dos bosques, e sobre crianças apavoradas por coisas que viram ou ouviram nos locais onde a mata ancestral ficava mais próxima de suas casas. Na fase final das lendas – a fase que precedeu o declínio das

superstições e o abandono do contato mais próximo com os lugares citados – vieram à tona referências assustadoras a ermitões e moradores de propriedades mais isoladas que em alguma época da vida passaram por alterações mentais repulsivas e foram tachados à boca pequena como mortais que se venderam para tais seres estranhos. Em um dos condados do noroeste do Estado aparentemente virou moda por volta de 1800 acusar os reclusos mais excêntricos e impopulares de ser aliados ou representantes das detestáveis criaturas.

Quanto ao que seriam as criaturas, as explicações naturalmente eram variadas. O nome mais aplicado a elas era “aqueles” ou “os antigos”, embora houvesse variações locais ou transitórias. A maioria dos colonos puritanos talvez as classificasse simplesmente como parentes do diabo, e as usasse como base para exaltadas especulações teológicas. Os que tinham lendas celtas em sua bagagem ancestral – basicamente os irlandeses ou escoceses de New Hampshire e seus compatriotas que se instalaram em Vermont ou nas concessões coloniais do governador Wentworth – os conectavam de forma vaga a fadas malignas ou às “pessoinhas” que viviam nos brejos, e se protegiam com encantamentos passados de mão em mão por gerações. Os índios, porém, eram quem tinha as teorias mais fantásticas. Embora as lendas das diferentes tribos variassem, havia um consenso em torno de alguns detalhes vitais; era aceito de forma unânime que as criaturas não eram desta Terra.

Os mitos dos pennacook, que eram mais coerentes e pitorescos, davam conta de que os Alados desceram da Ursa Maior e tinham minas em nossos morros terrestres, de onde tiravam um tipo de pedra que não existia em qualquer outro mundo. Eles não viviam por lá, segundo

os mitos, simplesmente mantinham postos avançados e iam embora carregando enormes cargas de pedra para suas estrelas ao norte do céu. Apenas os terráqueos que chegavam perto demais ou os espionavam eram atacados. Os animais os evitavam por uma aversão instintiva, não porque estivessem sendo caçados. Eles não podiam comer bichos ou coisas da Terra, traziam o próprio alimento das estrelas. Não era bom chegar perto deles, e às vezes jovens caçadores que se embrenhavam em seus morros nunca mais voltavam. Não era bom também escutar o que murmuravam à noite na floresta com vozes que eram como uma abelha tentando falar a língua dos homens. Eles conheciam o idioma de todas as tribos – dos pennacook, dos huron, dos iroqueses –, mas não pareciam ter uma língua própria. Falavam com as cabeças, que mudavam de cor de diferentes formas para expressar diferentes coisas.

Todas as lendas, obviamente, tanto as dos brancos como as dos índios, desapareceram ao longo do século XIX, com exceção de uma ou outra manifestação atávica. Os caminhos dos colonos de Vermont se tornaram fixos; e, como as trilhas e as habitações se estabeleceram de acordo com determinado planejamento, os medos que o determinaram a princípio foram sendo cada vez mais esquecidos, até se chegar ao ponto de ignorar sua existência. A maioria das pessoas sabia apenas que certas regiões montanhosas eram consideradas insalubres, incultiváveis e na maior parte das vezes inabitáveis, e que, quanto mais longe se mantivessem delas, tanto melhor. Com o tempo as forças do hábito e do interesse econômico se fixaram de tal modo nos locais pré-estabelecidos que não havia mais razão para sair de sua trilha, e os morros assombrados foram deixados de lado mais por

desinteresse do que por alguma designação específica. A não ser durante raras ondas de pânico, apenas as vovozinhas cheias de histórias e os nonagenários saudosistas cochichavam sobre os seres que habitavam os morros; e mesmo nesses sussurros ao pé do ouvido admitiam que não havia muito a temer quanto a essas criaturas agora que já estavam acostumadas à presença de casas e povoados, e agora que os humanos tinham decidido deixar seus territórios em paz.

Tudo isso eu já sabia de minhas leituras e de alguns relatos folclóricos recolhidos em New Hampshire; portanto, quando na época das enchentes os rumores começaram a aparecer, para mim não foi difícil adivinhar o contexto imaginativo que os envolvia. Tive muito trabalho para explicar tudo isso para os amigos, e me diverti bastante com as várias almas teimosas que insistiam em afirmar que havia um possível elemento de verdade em tais relatos. Essas pessoas tentavam argumentar que as lendas antigas tinham um caráter persistente e uniforme, e que a natureza quase inexplorada dos morros de Vermont não aconselhava uma postura dogmática em relação ao que poderia ou não habitá-los; também não se deixavam silenciar por minhas garantias de que todos os mitos seguem um padrão conhecido e compartilhado por boa parte da humanidade, determinado por fases anteriores da experiência imaginativa e que sempre produz o mesmo tipo de ilusão.

Não adiantava demonstrar a tais interlocutores que os mitos de Vermont diferiam pouquíssimo em essência das lendas universais de personificação natural que enchiam o mundo antigo de faunos, dríades e sátiros, sugeriam a existência dos kallikanzari* da Grécia moderna e

* No folclore grego, duendes que promovem o caos durante os doze dias de Natal. (N.E.)

conferiam às regiões selvagens de Gales e da Irlanda uma aura obscura, com raças estranhas, minúsculas e terríveis de trogloditas e habitantes dos subterrâneos. Também não adiantava chamar a atenção para a ainda mais notável semelhança com a crença das tribos nepalesas nos temidos Mi-Go, ou “Abomináveis Homens das Neves”, que espreitam odiosamente os cumes rochosos e cobertos de gelo das montanhas do Himalaia. Quando mencionei essas evidências, meus interlocutores rebateram argumentando que tais histórias antigas deviam ter um fundo histórico, que deve ser um indício da existência de fato de alguma estranha raça terrena ancestral, levada ao isolamento pelo advento do domínio da humanidade, e que com toda a probabilidade sobreviveu em número reduzido até tempos relativamente recentes – ou talvez até na atualidade.

Quanto mais eu zombava de tais teorias, mais esses amigos teimosos insistiam; acrescentavam que, mesmo sem levar em conta as lendas, os relatos eram bem claros, coerentes, detalhados e sensatamente prosaicos em suas narrativas, portanto não poderiam ser ignorados. Dois ou três extremistas fanáticos chegaram inclusive a especular sobre os significados possíveis das histórias indígenas que atribuíam às criaturas ocultas uma origem não terrena; para reforçar seus argumentos, citavam os extravagantes livros de Charles Fort segundo os quais viajantes de outros mundos e do espaço sideral visitam com frequência a Terra. A maioria de meus opositores, porém, era composta simplesmente de sujeitos românticos que insistiam em transferir para a vida real as histórias fantásticas sobre “pessoinhas” que vivem à espreita pelo mundo, popularizadas pela notável ficção de terror de Arthur Machen.